

MACHADO DE ASSIS E A (SUA) REVOLUÇÃO FRANCESA

Como não poderia deixar de ser, entre os inúmeros trabalhos publicados em torno do centenário de morte de Machado de Assis, muitos voltaram suas atenções para "O alienista", um dos textos mais discutidos do autor. Em um artigo sobre a novela, Sergio Paulo Rouanet¹ chamou atenção para um fato conhecido, mas pouco investigado: as referências truncadas, aparentemente desconexas, à Revolução Francesa. Além dele, Michael Wood e Luís Augusto Fischer também, por caminhos e com focos diferentes, contribuíram com novas interpretações que, como veremos a seguir, influenciaram as minhas conclusões sobre os paralelos estabelecidos por Machado entre os eventos de Itaguaí e os da Revolução Francesa. Antes de chegarmos a esse ponto, porém, é preciso voltar um pouco e refletir sobre a relação, consciente e inconsciente, do autor com o seu contexto histórico e social.

O centro *a partir* da periferia do capitalismo

A ideia de um Machado de Assis indiferente aos problemas sociais brasileiros já foi, há muito tempo, abandonada por completo. Não só percebemos, cada vez mais, críticas contundentes que passaram despercebidas por gerações de leitores, como sabemos hoje que a sociedade brasileira se encontra retratada em sua obra de forma mais precisa do que se poderia supor à primeira vista. Especialmente após as obras de Roberto Schwarz e de John Gledson, os estudiosos interessados em uma interpretação histórica ou sociológica mantiveram a atenção naquilo que Machado dizia sobre a especificidade nacional. Sem negar a validade e a importância dessa aproximação – muito pelo contrário –, acredito que seja possível alterar o foco: o autor, muitas vezes, estava igualmente preocupado em indicar as características e contradições geradas pelo capitalismo em seus países centrais, e não

¹ ROUANET, Sergio Paulo. Machado de Assis e o mundo às avessas. In: SENNA, Marta de (Org.). *Machado de Assis – cinco contos comentados*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p.73-91.

somente na sua periferia.

Alfredo Bosi, em artigo recente, aponta para esse caminho quando afirma que "não parece exato, pois, afirmar que Machado de Assis tenha querido satirizar, nas recordações de Brás Cubas, só o liberalismo brasileiro, como se fosse um caso singular de farsa ideológica e atraso em face do Ocidente moderno."² Segundo Bosi, o autor se inseria no debate travado na época na Europa, em que se confrontavam um liberalismo mais antigo e excludente, e um novo, mais democrático, desenvolvido ao longo do século XIX.

Michael Wood, de maneira indireta, também sublinha essa possibilidade em seu artigo "Entre Paris e Itaguaí".³ O professor de Princeton afirma que um leitor estrangeiro, mesmo sem conhecimento profundo da sociedade brasileira, pode contribuir de maneira decisiva para a compreensão de alguns aspectos da obra machadiana. Segundo Wood, o autor refletiu sobre sentimentos, linguagem, religião etc., questões que podem ser analisadas por um estrangeiro devidamente informado do contexto nacional. Mesmo estando Wood preocupado em defender a legitimidade do leitor estrangeiro – pois respondia a um texto em que Schwarz apontava os problemas desse olhar –⁴ e com perspectivas formais e existenciais, não histórico/sociológicas, podemos estender o seu argumento ao ponto levantado acima. Alguém de fora e conhecedor dos temas que circulavam na Europa, e da maneira como circulavam, pode mais facilmente perceber que Machado dialogava diretamente com essas questões.

Bosi e Wood têm razão ao tentarem retirar as análises machadianas de um olhar exclusivamente nacional ou voltado para o nacional. Certamente, estrangeiros podem deslocar proveitosamente o foco de estudo com o seu distanciamento; e, o que me interessa particularmente aqui, a busca de temas exteriores – como a Revolução Francesa, por exemplo –, também pode alargar o campo dos estudos sobre o autor, como pretendo demonstrar adiante. No entanto, penso que, no final das contas, Schwarz está certo. Mesmo

² BOSI, Alfredo. Um nó ideológico: notas sobre o enlace de perspectivas em Machado de Assis. *Revista Escritos* 2. Rio de Janeiro: Ed. Casa Rui Barbosa, 2008. p. 11.

³ WOOD, Michael. Entre Paris e Itaguaí. *Revista Novos Estudos* 83. São Paulo: Ed. CEBRAP, março de 2009.

⁴ SCHWARZ, Roberto. Leituras em competição. *Revista Novos Estudos* 75. São Paulo: Ed. CEBRAP, julho de 2006.

lidando com assuntos externos ou pretensamente universais (como o destino, a literatura ou a ganância), Machado pensava neles a partir do Brasil do final do século XIX. Assim, mesmo quando reflete sobre a Revolução Francesa, o faz como um membro (excepcional, sem dúvida) da elite intelectual de um país periférico, e só pode ser plenamente compreendido se analisado por esse ângulo. Tudo o que ele tiver a dizer sobre esse marco da História Universal estará dizendo sobre si mesmo e sobre o lugar de onde fala. (Nada diferente do que fazem os historiadores de qualquer tempo e local.) Dessa maneira, sempre que for descoberto um novo tema ou recurso literário em Machado, é preciso dar um passo atrás e pensar por que um brasileiro oitocentista se voltou para ele, e por que o fez daquela maneira específica.

Seguindo a pista de Bosi, mas sem esquecer as lições de Schwarz, passemos ao que nos trouxe aqui: a Revolução Francesa por Machado de Assis.

Todo leitor de "O alienista", mesmo o não especialista, percebe que há alguma relação entre os eventos de Itaguaí e os da Revolução Francesa. Títulos de capítulos, personagens, fatos e frases do conto (ou novela, como querem alguns) nos remetem, constantemente, àquele movimento decisivo da história mundial. No entanto, em nenhum momento é explicitado o tipo de relação existente ou a forma pela qual ela contribui para a compreensão da narrativa. Conhecendo um pouco da obra de Machado, podemos afirmar uma coisa: se o autor deixou inúmeros elementos comparando a Itaguaí de Simão Bacamarte com a França revolucionária, queria dizer algo com eles.

Assim, começemos analisando separadamente cada um dos pontos que ligam os dois movimentos, em princípio tão diferentes. Depois, tendo já uma visão da comparação como um todo, veremos como ela nos apresenta novos aspectos desse conto, um dos mais complexos de Machado.

Coincidências (?) cronológicas

Aparentemente, não se sabe em que momento aconteceu a história de Simão Bacamarte. O narrador afirma somente que "as crônicas da vila de Itaguaí dizem que em

tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte" (p. 253)⁵. Em seguida ficamos sabendo que se tratava dos tempos coloniais; nada além disso. *Aparentemente*.

Após a leitura atenta, é possível apontar com grande precisão o período em que a história se passou. Quando a mulher de Simão Bacamarte, D. Evarista, retorna de uma viagem ao Rio de Janeiro, o padre Lopes lhe diz que

ele não vira o Rio de Janeiro desde o vice-reinado anterior; e D. Evarista respondia, entusiasmada, que era a coisa mais bela que podia haver no mundo. O Passeio Público estava acabado, um paraíso, onde ela fora muitas vezes, e a Rua das Belas Noites, o chafariz das Marrecas... Ah, o chafariz das Marrecas! Eram mesmo marrecas, – feitas de metal e despejando água pela boca fora. Uma coisa galantíssima. O vigário dizia que sim, que o Rio de Janeiro devia estar agora muito mais bonito. [...] Não admira, maior do que Itaguaí, e de mais a mais sede do governo... (p. 266)

Analisemos os indícios um a um:

a) se o Rio de Janeiro era a sede do governo, significa que a história transcorreu após 1763; por outro lado, se havia vice-reis, o limite cronológico é 1808, pois o regime de vice-reinado se extinguiu com a transferência de D. João e sua corte. Já chegamos a um intervalo menor, mas ainda há mais;

b) D. Evarista menciona o fim das obras do Passeio Público, que aconteceram entre 1779 e 1783, e o chafariz das Marrecas, inaugurado em 1785. Portanto, tudo ocorre depois desta data;

c) o padre Lopes diz não conhecer essas referências, pois não ia ao Rio de Janeiro desde o vice-reinado anterior. Assim, ou: 1) ele esteve na administração anterior à construção do Passeio Público, e a história se passa no final do vice-reinado do conde de Figueiró (1778-1790), após a inauguração do chafariz; ou: 2) ele visitou a capital no início do período do conde de Figueiró, e, portanto, os acontecimentos de Itaguaí se deram durante o governo seguinte, do conde de Resende (1790-1801).

⁵ Citações de "O alienista" retiradas de: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. v. 2.

Se adotarmos a primeira hipótese acima, a história começou depois de 1785, mas antes de 1790, portanto bem próxima de 1789, ano da tomada da Bastilha; se preferirmos a segunda alternativa, a história teve início entre 1790 e 1801, praticamente os limites da Revolução Francesa (apontados geralmente como 1789 e 1799, excluindo-se o período napoleônico).

Há ainda um dado complementar, embora não possa ser confirmado plenamente. Logo no início do conto, "El-Rei" tenta convencer Simão Bacamarte a ficar em Portugal, oferecendo-lhe inclusive a regência da Universidade de Coimbra. Partindo dos dados acima, "El-Rei" só poderia ser D. José I, que reinou de 1750 a 1777, ou D. Pedro III (1777-1786), rei consorte de D. Maria I. No entanto, a hipótese de tratar-se de D. José I parece mais apropriada, pois em seu governo – através de Pombal – houve reformas na Universidade de Coimbra, entre elas a redução da influência da Igreja e a criação de departamentos voltados para as ciências naturais.

Como sabemos que transcorrem 11 anos entre a saída do alienista de Portugal e o início de seu estudo da loucura (volta de Coimbra aos 34 anos, aos 40 se casa, tenta ter filhos durante 5 anos e só depois se dedica ao assunto) e que a história se passa depois de 1785 (inauguração do Chafariz das Marrecas), restam três opções: os eventos em Itaguaí começaram em 1786, 1787 ou 1788, pois são as únicas datas em que, retroagindo 11 anos, ainda encontraríamos D. José I no poder.

Difícil acreditar que a referência ao Chafariz das Marrecas tenha entrado naquele relato de D. Evarista por acaso, assim como o comentário do padre Lopes de que não ia à capital desde o vice-reinado anterior. Portanto, podemos afirmar que Machado queria colocar lado a lado o movimento de Itaguaí e o da França, para que nós, leitores, pudéssemos refletir sobre os dois simultaneamente.

A Bastilha Verde

Tradicionalmente, aponta-se a tomada da Bastilha como o início da Revolução Francesa. Construída como uma defesa contra os ingleses durante a Guerra dos Cem Anos,

logo se tornou uma prisão. Luís XIV transformou-a em uma espécie de prisão política, para onde eram enviados, sem direito a julgamento, conspiradores e "indesejados" de uma maneira geral. No século XVIII, um grupo específico passou a "frequentar" cada vez mais as celas da Bastilha: os escritores.

As condições de vida dos prisioneiros, no momento da Revolução, podem ser exemplificadas com o Marquês de Sade, preso por escrever contos "perigosos para a decência" e solto apenas uma semana antes da tomada da prisão:

Ele levou para a cela, entre outras coisas, escrivadinha, guarda-roupa, *nécessaire*, camisas, calções de seda, casacas, roupões, vários pares de botas e sapatos, apetrechos de lareira, quatro retratos de família, tapeçarias para pendurar nas paredes brancas, almofadas de veludo, colchões para tornar a cama mais confortável, uma coleção de chapéus, três fragrâncias – água de rosa, água de flor de laranjeira e água de colônia – para se perfumar e uma grande quantidade de velas e lamparinas. Estas eram necessárias pois, ao entrar no cárcere, em 1784, Sade levou também uma biblioteca de 13 volumes [...].

Quase toda semana ele recebia a visita de sua sofrida esposa e quando sua vista começou a falhar, de tanto ler e escrever, os oculistas iam examiná-lo regularmente. Como outros detentos da torre da "Liberdade", ele podia passear no jardim murado e nas torres. [...] ⁶

Quanto à comida da prisão, outro escritor – Marmontel – dizia lembrar-se de

uma sopa excelente, um suculento bife, uma coxa de frango pingando gordura, um pratinho de alcachofras fritas ou de espinafre, deliciosas peras de Cressane, uvas frescas, uma garrafa de velho borgonha e o melhor café. ⁷

No entanto, apesar desse tratamento bastante amistoso, a Bastilha se tornou a principal referência do autoritarismo e da crueldade do Antigo Regime francês, pois o que importa não é o que ela era na realidade, e sim o que se dizia dela. Os relatos da vida na Bastilha eram produzidos por prisioneiros que lá estiveram, alguns deles identificados com

⁶ SCHAMA, Simon. *Cidadãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 324-325.

a Ilustração. Por isso, nada mais óbvio do que exagerar as condições da prisão como forma de propaganda contra o regime – e foi o que aconteceu. Circulavam histórias sobre o enterro de presos vivos, humilhações, superpopulação, maus tratos físicos e psicológicos, que acabaram transformando a Bastilha no símbolo maior da arbitrariedade do Antigo Regime.

Machado deu a Itaguaí sua Bastilha: a Casa Verde. O próprio autor chama algumas vezes a atenção para a analogia. Primeiro, quando um dos personagens define o manicômio como a "Bastilha da razão humana". Depois, afirma que "os trezentos que caminhavam para a Casa Verde, – dada a diferença de Paris a Itaguaí, – podiam ser comparados aos que tomaram a Bastilha" (p. 271). E logo em seguida há uma referência irônica ao famoso diálogo de Luís XVI com o duque de La Rochefoucauld-Liancourt, quando este o avisou da tomada da Bastilha:

- Isso é uma revolta? – teria indagado o rei.
- Não, sire, é uma revolução.

Em Itaguaí, a mulher de Simão Bacamarte, ao saber da invasão da Casa Verde, diz ao criado:

- Há de ser alguma patuscada.
- Não é patuscada, não, senhora; eles estão gritando: – morra o Dr. Bacamarte! O tirano! (p. 271)

As duas instituições marcam o início das revoluções, ainda que a da França tenha começado com a tomada e posterior destruição da Bastilha, e a de Itaguaí, com a construção da Casa Verde. Os dois momentos, porém, representam o fim de um regime: no caso francês, o absolutismo; em Itaguaí, a forma até então vigente de tratar os loucos.

É claro que a Bastilha e a Casa Verde não são a mesma coisa. A primeira

⁷ Ibidem.

simbolizava o antigo, portanto a sua queda foi o fato marcante; já a segunda representava o novo, e por isso a sua construção é o que importa. Mas, para Machado de Assis, o antigo e o novo não parecem tão diferentes assim, pois ambos tratam de seu público alvo (os súditos franceses e os loucos) da mesma forma: condenando-o sem direito de defesa. Não à toa, o símbolo dos dois são prisões...

Hábitos absurdos

Tratar brevemente das causas da Revolução Francesa é uma tarefa das mais ingratas. Existe uma enorme e apaixonada discussão historiográfica sobre o tema, que gerou interpretações diversas (e muitas vezes opostas) desde as primeiras tentativas de compreender o movimento, no século XIX. Pretendo agora, pois é importante para o meu argumento, simplesmente apontar alguns fatores gerais, sem me preocupar em hierarquizá-los ou aprofundá-los:

- a) alguns aspectos da servidão ainda persistiam na França, gerando revolta contra uma série de obrigações e tributos que pareciam completamente antiquados naquele momento, já que eram (ou pareciam ser) heranças da Idade Média;
- b) a sociedade francesa ainda era estamental, a população dividida em três estados (1º- clero; 2º- nobreza; 3º- restante da população) e sem mobilidade social suficiente para satisfazer uma crescente burguesia enriquecida. E, para piorar, apenas um dos estados pagava tributos e sustentava o Estado – justamente o 3º;
- c) a Igreja Católica continuava exercendo um papel preponderante na vida dos franceses, fosse pelos vínculos que a ela ligavam os Bourbon, influenciando na política da França; fosse por possuir grandes extensões de terra e, conseqüentemente, de trabalhadores; ou mesmo pela ascendência moral sobre a maior parte da população e por seu contato direto com ela;
- d) a efervescência de um movimento cultural, a Ilustração, que não só apontava problemas estruturais do Antigo Regime, como indicava caminhos alternativos. E tudo isso com base em ideias racionais e "científicas", o que – segundo os próprios pensadores – tornava seus argumentos corretos.

Não pretendo fazer uma lista exaustiva das causas da Revolução. Mesmo esses fatores poderiam ser desdobrados ou relativizados. No entanto, eles estão entre os principais elementos debatidos pelos historiadores desde o século XIX e, por isso, são aqueles com os quais Machado dialogava.

Em primeiro lugar, o líder da revolução em Itaguaí estudara em Coimbra e em Pádua, e era o maior entre todos os médicos "do Brasil, de Portugal e das Espanhas" – portanto, um legítimo representante da ciência do século XVIII. E, assim como as ideias científicas pretendiam transformar o Antigo Regime francês, Simão Bacamarte usa a ciência para alterar radicalmente a antiga forma de tratar os doidos – mas, com isso, acaba promovendo mudanças na sociedade itaguaiense.

Como ocorreu na Europa, o alienista "encontrou grande resistência, tão certo é que dificilmente se desarraigam hábitos absurdos, ou ainda maus" (p. 254). Também em Itaguaí, havia hábitos absurdos a serem extintos, como, por exemplo, a altíssima carga fiscal. O narrador não deixa margem para dúvida quando diz que "tudo estava tributado em Itaguaí" (p. 255).

A força da Igreja era igualmente evidente, a ponto de mesmo Simão Bacamarte temer a sua influência: ele mente ao padre Lopes, afirmando que a frase que mandara escrever na frente da casa era do papa Benedito VIII, quando na verdade se tratava de um pensamento de Maomé. O narrador, mais uma vez, explicita: fez isso porque "tinha medo ao vigário, e por tabela ao bispo" (p. 255).

Quando Bacamarte adotou uma nova teoria, ampliando significativamente os limites da loucura, a Casa Verde passou a acolher cada vez mais gente. Os três primeiros loucos dessa leva são muito significativos: o Costa, que herdara uma fortuna e distribuía tudo de forma irresponsável até ficar pobre; a prima deste, considerada louca por acreditar que a verdadeira causa da pobreza do Costa fora uma praga lançada por um desafeto; e o Mateus, que passava metade do dia admirando a sua casa luxuosa, e o restante dele na janela, para ser admirado pelos outros. Esses três casos de loucura, ou seja, os três comportamentos condenados pelo "cientista" são semelhantes àquilo que os revolucionários franceses desejavam extinguir. O Costa e o Mateus representam as duas faces de uma aristocracia

tradicional do Antigo Regime, que muitas vezes gastava tudo o que tinha – e até o que não tinha – para continuar a viver luxuosamente e ser invejada por isso. E a prima simboliza o excesso de religiosidade e superstição da população, característica também reprovada.

A ciência, tanto em Itaguaí como na França, combatia os mesmos hábitos absurdos.

O Terror

As comparações com o período jacobino começam com o título do capítulo V – "O Terror". Trata-se do momento em que Simão Bacamarte começou a trancafiar cada vez mais pessoas na Casa Verde, inclusive próximas a ele, assim como Robespierre condenou um número crescente, até mesmo antigos aliados, à morte na guilhotina.

Os dois movimentos geraram insegurança e levaram à emigração de uma parte da população. Na França, muitos nobres se juntaram às tropas austríacas contra o governo revolucionário; em Itaguaí, "quem podia, emigrava" (p. 268). Menos sorte teve Gil Bernardes, que tentou fugir porque sua educação polida e sua mania de cumprimentar a todos levando seu chapéu ao chão (um costume aristocrático) despertaram a desconfiança de Simão Bacamarte: foi preso a duzentos passos da vila.

A comparação entre Simão Bacamarte e Robespierre se estende a outros aspectos. Os dois eram incorruptíveis, e suas ações não foram movidas por egoísmo, mas sim por uma crença firme naquilo que faziam. Mesmo diante da queda, mantiveram-se fiéis às suas convicções. Ambos exerceram amplos poderes. Robespierre governou de forma ditatorial, interferindo no preço dos alimentos e salários, reforçando a censura, alterando a hierarquia militar, entre muitos outros atos. Simão Bacamarte também alcançou o máximo de sua influência, prendendo quem ele queria – inclusive o presidente da Câmara Municipal – e vencendo uma rebelião apenas com a sua moral. Além disso, os dois sofriam de um tipo semelhante de paranoia: um via inimigos e traidores por todos os lados, o outro enxergava loucos em cada esquina.

Os dois momentos se cruzam também pela forte participação popular. Foi o povo que forçou a Convenção (o Parlamento francês) a entregar o poder nas mãos dos jacobinos.

E também foi fundamental na queda de Robespierre, pois protestou e retirou seu apoio quando percebeu que o Terror não diminuía com a redução da ameaça estrangeira. Em Itaguaí, também a população se levantou contra a Casa Verde, querendo acabar com a tirania de Simão Bacamarte.

O povo, tanto aqui como lá, venceu suas batalhas. Antes da invasão da Bastilha, parte das tropas francesas se recusou a enfrentar os revolucionários, abrindo caminho para suas ações. Em Itaguaí, o corpo de dragões também mudou de lado. No entanto, ao invés de derrubarem a Casa Verde, como prometiam, resolveram voltar-se contra a Câmara. O mais curioso é que, ao tomar o poder, o líder da revolução de Itaguaí, o barbeiro Porfírio, imediatamente declarou sua lealdade ao rei de Portugal, ao vice-rei, à Igreja e ao alienista. (Assim, quando o padre afirmou que a conjuração não possuía inimigos, não era porque contava com amplo apoio social, mas por não se ter voltado contra ninguém.) Porfírio acaba derrubado por João Pina, um barbeiro rival, que o acusou de ser influenciado pelas "más doutrinas francesas, e contrário aos sacrossantos interesses de Sua Majestade" (p. 278). E Pina, apesar do legalismo, foi rapidamente deposto pelas forças enviadas pelo vice-rei.

A Casa Verde, essa "Bastilha da razão humana", se mostrou mais firme do que a francesa e não foi tomada. Talvez porque, em Itaguaí, a instituição significava o novo, o discurso científico, que chegara para vencer atropelando seus adversários, como Machado bem sabia, pois escrevia no final do século XIX. Mas, talvez, a Casa Verde tenha-se mantido intacta porque, no Brasil, as revoltas acontecem e, mesmo quando vitoriosas, não conseguem modificar as características essenciais da sociedade. Como Machado também sabia.

Restauração de quê?

Entre o Terror e a Restauração, muita coisa aconteceu na Revolução Francesa. A principal delas, evidentemente, foi o período napoleônico. Napoleão, uma das mais conhecidas figuras da História até hoje, não poderia deixar de estar referido. No entanto, as

referências explícitas são poucas e ligadas ao líder rebelde Porfírio. Assim como Napoleão, o barbeiro enfrentou as tropas enviadas para derrotá-lo e ganhou seu apoio; e, depois de ser liberado pelo alienista, o narrador diz que "o barbeiro Porfírio, 'tendo provado tudo', como o poeta disse de Napoleão, e mais alguma coisa, porque Napoleão não provou a Casa Verde, o barbeiro achou preferível a glória obscura da navalha e da tesoura às calamidades brilhantes do poder" (p. 281). Acredito, porém, que essas referências sirvam para disfarçar outro possível propósito do autor, sobre o qual falaremos mais tarde.

Outra analogia possível para Porfírio seria o Marquês de Lafayette, que ganhou o posto de comandante da Guarda Nacional com a aprovação da população de Paris, mas acabou acusado de traição pelos jacobinos, por ter supostamente mandado as tropas contra o povo, protegido o rei e facilitado sua fuga. Da mesma maneira, Porfírio subiu ao poder pelas massas, porém, ao chegar lá, se aliou aos antigos poderosos.

Assim como "Terror", "Restauração" também é o título de um capítulo (X). Nos dois casos, representam o pretense fim para um período conturbado. Na Europa, tratou-se do retorno do absolutismo, que havia sido abalado pelo duplo furacão "Revolução Francesa/Napoleão". No entanto, essa restauração não foi nada mais que provisória, pois todos os países viveram revoltas e transformações que derrubaram essas dinastias ou impuseram limites severos a seus poderes nos cinquenta anos seguintes.

Em Itaguaí, a Restauração teve um significado ambíguo. Por um lado, foi marcada pela chegada das tropas do vice-rei e pelo fim dos governos rebeldes. Contudo, os dois líderes foram muito rápidos em declarar sua lealdade ao rei; portanto, restaurava-se uma situação política que não tinha sido realmente alterada. E, o que é mais importante, durante todo o processo, o poder de Simão Bacamarte também não foi afetado, reforçando-se a ideia de continuidade, comentada acima. As experiências do alienista ainda continuaram por um bom tempo, até que decidiu internar-se, resolvendo o problema de todos – principalmente o dele próprio.

Por fim, algumas palavras sobre Simão Bacamarte. Por um lado, sem dúvida, representa a ciência e, por tabela, o sistema e as ideias que foram difundindo-se a partir da Revolução Francesa. Por outro lado, porém, a narrativa o aproxima ora de Robespierre, ora

de Luís XVI; do novo e do antigo. Há, entretanto, uma comparação mais precisa e interessante. Vejamos algumas características de um personagem da Revolução Francesa que tornam irresistível a sua identificação com o alienista:

- a) especialmente para os homens do século XIX, ele representou o espírito da Revolução Francesa melhor do que ninguém; exatamente como o alienista o fez em Itaguaí;
- b) sua paixão pelo conhecimento é inegável, evidenciada por seu interesse pelo Egito antigo e pelo Império Romano, por exemplo; a obsessão do nosso médico pelo saber dispensa comentários;
- c) tudo o que conquistou foi através de seus méritos como líder militar e político; o protagonista do conto ascendeu devido unicamente aos seus esforços;
- d) uma vez chegado ao poder representando o novo espírito revolucionário, reinstalou a monarquia, governando com tantos poderes (alguns dirão que até mais) quantos os de um rei absoluto, personificando uma dualidade que também encontramos no alienista, visto que às vezes ele parece um soberano despótico, às vezes um sábio "cientista";
- e) os dois terminaram seus dias isolados do mundo, presos em função das escolhas que fizeram para suas vidas;
- f) além disso – e o melhor de tudo –, esse grande herói da Revolução Francesa é o modelo preferido dos loucos na literatura, justamente por sua mania de grandeza; traço marcante do médico;
- g) não satisfeito com todas essas coincidências, o autor ainda tornou a comparação mais evidente no nome que escolheu para o personagem. Ou teriam sido obras do acaso a semelhança e a rima perfeita entre os nomes Napoleão Bonaparte e Simão Bacamarte?

"Dada a diferença de Paris a Itaguaí"

O autor, das maneiras mais diversas, chama a atenção para a comparação entre a Revolução Francesa e os acontecimentos de Itaguaí. Muitas das referências, cheias de ironia, tornam o conto ainda mais saboroso, o que já as justificaria por completo. No entanto, em se tratando de Machado, devemos olhar com mais atenção.

Em primeiro lugar, vejamos o narrador. Todos sabemos que é preciso sempre desconfiar dessa figura nas obras machadianas. Aqui, ele aparece em terceira pessoa, aparentemente neutro. *Aparentemente*. Na realidade, o narrador se coloca decididamente do lado do seu protagonista, Simão Bacamarte. Penso que um exemplo bastará: quando descobrimos que o alienista não teve filhos, somos informados também de que D. Evarista se recusou a seguir o regime indicado pelo marido – "e à sua resistência devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes" (p. 254). O narrador "se esqueceu" de levantar a hipótese de o estéril ser o próprio médico...

Se esse exemplo não bastou, aqui vai outro. A própria utilização, pelo narrador, do termo "Restauração" para identificar um momento da história serve para confundir o leitor em favor do alienista. O conhecedor da Revolução Francesa tende a pensar que na vila fluminense tudo voltou ao que era antes, sem se dar conta de que antes, em Itaguaí, não existia a Casa Verde. Dessa forma, na narrativa, a legitimidade de Simão Bacamarte parece indiscutível, como se pairasse acima das questões políticas.

Estamos, portanto, no terreno conhecido das armadilhas machadianas. Todo elogio a Simão Bacamarte deve ser lido com cuidado, e as críticas, procuradas nas entrelinhas. O primeiro caso de loucura comentado de forma específica foi de um rapaz "bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apuleio e Tertuliano" (p. 256). Por essa descrição, podemos desconfiar de que o homem era um chato, mas não há nada que indique loucura. O narrador até deixa essa dúvida transparecer, quando aponta a surpresa do sensato vigário ("Quê! Um rapaz que ele vira, três meses antes, jogando peteca na rua!", p. 256), mas logo muda de assunto. Esse caso parece apenas fruto do preconceito de uma elite intelectual que não aceita a erudição de um garoto pobre – só pode ser louco.

Além disso, não há comentário algum sobre as manias do alienista, somente rápidas menções, como se fossem normalíssimas. No momento em que ouviu a multidão se aproximando da Casa Verde, exigindo a sua morte, sua primeira reação foi fechar o livro que lia, colocá-lo na estante e "como a introdução do volume desconcertasse um pouco a

linha dos dois tomos contíguos, Simão Bacamarte cuidou de corrigir esse defeito mínimo, e, aliás, interessante" (p. 271). Uma atitude no mínimo estranha, diriam uns; coisa de maluco, pensariam outros.

Por que um narrador simpático a Simão Bacamarte? Temos de lembrar que o alienista representa a Revolução Francesa a partir de um de seus aspectos, o pensamento ilustrado, "científico". Podemos imaginar que Machado reproduzia a tradição corrente de uma parte significativa da intelectualidade brasileira de sua época, que (como a francesa) identificava a Revolução como marco inicial dos novos tempos e glorificava as correntes "científicas" em voga na Europa. No entanto, ao reproduzir esse comportamento deixando visíveis os erros de sua argumentação, evidenciava a fragilidade de toda essa literatura que assimilava de forma acrítica a ideologia revolucionária. Utilizando esse narrador parcial, alertava o leitor para desconfiar sempre dos pressupostos dos livros que lia. Então, ao atirar na Revolução e nas "doutrinas científicas" correntes na época (algo que já foi apontado por muitos), Machado acertava também *nos autores* que as reverenciavam de forma automática em suas obras. Aqui no Brasil e lá fora.

Em segundo, o paralelismo entre os eventos. Se analisarmos bem, veremos que a equivalência entre os acontecimentos de Itaguaí e da Revolução Francesa não é perfeita. A primeira revolta popular em Itaguaí ocorreu em resposta ao Terror imposto por Simão Bacamarte, enquanto na França se deu contra o Antigo Regime. No entanto, em Itaguaí a revolta acabou voltando-se de fato contra a Câmara – identificada com a antiga sociedade – e teve características semelhantes ao movimento que levou à queda da Bastilha (traição das tropas e o diálogo de La Rochefoucauld-Liancourt, por exemplo). Assim, não sabemos contra o que lutava o povo: a Câmara ou a Casa Verde? Indignavam-se contra o antigo ou contra o novo?

Além disso, quando o povo acusou Simão Bacamarte de "tirano", é impossível decifrar se ele está sendo comparado a Luís XVI ou a Robespierre. O período é chamado de Terror, portanto deveria ser o líder jacobino; porém sua postura e alguns eventos o aproximam do rei. E, se aceitamos que ele é o Napoleão de Itaguaí, representa por isso mesmo as duas faces.

A Restauração, na Europa, recolocou o absolutismo no poder, ainda que cambaleante; em Itaguaí, apenas eliminou os empecilhos para o novo sistema, revolucionário, que passou a ter ares de *status quo*.

Não podemos, portanto, determinar de qual lado (antigo ou novo) estão os personagens e os eventos. Ainda que as comparações estejam sempre lá, é impossível estabelecer uma relação direta e única, afirmando, por exemplo, "em Itaguaí a população se revoltou contra os ideais da Revolução Francesa". Os personagens e eventos, dependendo da situação e do ponto de vista, podem ser identificados ora como característicos de uma ordem social, ora de outra.⁸

Esse é justamente o ponto. As duas ordens sociais, para Machado de Assis, são semelhantes em pontos essenciais: na tirania, no preconceito e na indiferença em relação aos menos favorecidos. Se lembrarmos que o autor sublinhou também a continuidade de elementos cruciais da sociedade em sua experiência histórica, chegamos à conclusão de que Machado procurou, no conto, evidenciar esses traços permanentes da elite brasileira, a despeito de diferenças importantes em outros campos. De quebra, alertou-nos também para essa semelhança na própria Revolução Francesa.

Quando comparou a multidão disposta a destruir a Casa Verde com a que tomou a Bastilha, o narrador tomou o devido cuidado de nos alertar: "dada a diferença de Paris a Itaguaí". Mas disse isso como se a única questão fosse o tamanho das cidades, já que se tratava de apenas trezentos homens. Para Machado, naquilo que mais importava, essa era a diferença. Afinal, a Revolução Francesa pretendia ser universal, e Itaguaí, para o alienista, era o seu universo.

André Dutra Boucinhas

⁸ A ambivalência é uma das características essenciais do conto, segundo leitura de Luís Augusto Fischer (FISCHER, Luís Augusto. Uma coisa e outra, e nenhuma delas: "O Alienista". In: FISCHER, L. A. *Machado e Borges*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008). Ainda que Fischer chegue a essa conclusão por outros caminhos, acredito que isso apenas reforça o seu argumento e o meu.

Universidade Federal Fluminense
Niterói, Brasil

André Dutra Boucinhas é mestre em História pela Universidade Federal Fluminense. Dedicou-se ao estudo sobre comportamento, padrão de consumo e ascensão social no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, tendo a literatura como uma de suas fontes. Essa investigação resultou na sua dissertação de mestrado e em participações em encontros.